O efeito neológico – o que é que o psicótico diz?

WalKer Douglas Pincerati

RESUMO: *This article concerns the ethical posture of the work of a linguist when dealing with a psychotic. The moving words of a psychotic mother talking about her son led me to recall the relationship between linguistic studies and Lacanian psychoanalytic theory. Such a posture implies an analytic procedure which requires that the analyst take into account the way the psychotic deals with language. In effect, the analyst provides this type of patient with a different type of listening. The analysis that I propose, therefore, is grounded on a broad notion of neologism, since my starting point is the very structure provided by the deliria.*

PALAVRAS-CHAVE: *Efeito neológico; Neologismo; Dizer psicótico; Maternagem; Subjetividade; Psicanálise.*

1. APRESENTAÇÃO

Neste trabalho, busco promover uma discussão em torno do estatuto do neologismo na psicose, trazendo dados de R.C¹ coletados por ocasião de minha iniciação científica. A discussão se dará entre os estudos lingüísticos e a teoria psicanalítica lacaniana, uma vez que esta relação introduz uma questão ética: como lidar com o equívoco, ou, mais precisamente, com a fala na qual reconhecemos estruturas gramaticais perfeitas,

WalKer Douglas Pincerati é aluno do Pós-Graduação em Lingüística da UNICAMP.

¹ O projeto “Um estudo do dizer da mãe psicótica”, desenvolvido entre agosto de 2005 a julho de 2006, sob orientação da profa. Dra. Nina Virgínia de Araújo Leite, DL/IEL/UNICAMP, com o apoio do PIBIC/CNPQ, teve como objetivo verificar e analisar como uma mãe, psiquiatricamente diagnosticada como psicótica, constrói significações sobre seu filho. Para tal empreendimento, realizei durante o primeiro semestre da pesquisa entrevistas, gravadas e transcritas, com R.C.. (Pincerati, 2006)

mas cujos sentidos prometidos não aparecem? Como lidar com a frustração de não reconhecer sentidos naquela fala?

Quando me deparei com a transcrição dos dados de R.C. me deparei, também, com o dizer psicótico: como decidir daquilo que ouvia? Como transcrever aquela fala? Em que medida não estou atribuindo um dizer, atribuindo sentidos, àquela fala? Em outras palavras, me perguntava: qual é o estatuto da minha escuta diante da fala do psicótico? (Cf. De Lemos, 2003, no que refere à escuta da fala da criança)

Estas questões, à medida que foram levantadas, revelaram a dimensão ética do trabalho que empreendia, como também apontavam um interessante modo de abordagem de estudo e de análise lingüística do dizer da paciente. Decidir sobre os sentidos era postular que o psicótico fala do mesmo lugar que o sujeito normal, neurótico², ou seja, era conceber que ali havia um distúrbio lingüístico, um déficit de linguagem, restando reproduzir o discurso psiquiátrico, tomando um modelo ideal a partir do qual descreveria os “desvios” da fala do psicótico³ (Picardi, 1997). Esta postura não é interessante do ponto de vista lingüístico, porque não esclarece sobre o funcionamento lingüístico destes sujeitos, funcionamento este que pode lançar luz sobre o modo de emergência do sujeito na cadeia significante.

Assumindo, então, que o sujeito é função da fala no campo da linguagem (Leite, 2004), remeto-me à teoria psicanalítica lacaniana que diz da constituição do sujeito como efeito da materialidade significante, e que considera que na psicose o sujeito habita uma outra estrutura, a estrutura psicótica.

Assim, tal assunção mostra-se importante ao trabalho do lingüista, visto que, regulando sua ética, permite-lhe ver naquela fala, a do psicótico, uma outra ordem de funcionamento da materialidade lingüística: a primazia do significante. Apresentado o procedimento de análise, qual seja, o de emprestar ao psicótico uma escuta outra, pergunto: qual é o estatuto do neologismo na psicose?

² No escopo deste trabalho tomamos o sujeito neurótico como sinônimo de normal, uma vez que é estruturado como subjetividade na referência à normatividade edípica.

³ Não se trata simplesmente de desvios de linguagem nas patologias, como, por exemplo, apontam as pesquisas em Neurolingüística. Estas pesquisas põem em evidência, no caso da afasia, a idéia de que ao lado da deficiência há uma compensação nos processos lingüísticos, compensação esta que é produto de uma redistribuição das funções lingüísticas (Jakobson, 1970). Essa compensação desvela o trabalho do sujeito em se estruturar como falante (Coudry, 2002). Portanto, as patologias de/na linguagem revelam como o sujeito está na língua, cabendo ao lingüista investigar os efeitos desta relação constitutiva entre sujeito e língua.

2. O EFEITO NEOLÓGICO

No âmbito da teoria lingüística, Dubois define neologismo como “toda palavra de criação recente ou emprestada há pouco de outra língua, ou toda acepção nova de uma palavra já antiga” (Dubois, 1973, p.431). Em relação ao sentimento de neologia, segundo Alves (2004), tratar-se-ia de um processo consciente, em que muitas vezes o emissor-criador sabe que está gerando novas unidades lexicais (Alves, 2004, p.83). No tocante ao neologismo fonológico, essa estudiosa escreve que é produto de um processo totalmente inédito e, o mais importante, que “não basta que um significante esteja de acordo com o sistema de uma língua para que ele se torne um elemento integrante do léxico desse idioma” (Alves, 2004, p.11). Para Alves, “a unidade léxica tem caráter neológico à medida que é interpretada pelo receptor” (Alves, 2004, p.11), pois senão ele não será decodificado e, nesse caso, a comunicação não será efetuada. Mediante isso, devemos perguntar: e aquela palavra ‘inusitada’ que aparece na fala do psicótico, consiste num neologismo?

Num primeiro momento, essa pergunta pode parecer óbvia. Se atentarmos, contudo, para trabalhos como o de Tost (2006), veremos que a indagação é pertinente. Explorando dados extraídos da fala de um esquizofrênico (LC), Tost revela que, na sua grande maioria, os neologismos produzidos na psicose respeitam as regras de formação neológica da língua portuguesa. A autora, no entanto, aponta algumas produções, como “sobrepaliência”, “oniposência”, “enebrecida”, “plasmoglinfos” (ver anexo 1), que nos fazem pensar sobre o que acontece na psicose. Diante desses casos, cabe indagar: se os neologismos analisados no livro de Alves são essencialmente aqueles que respeitam determinadas regras de criação lexical na língua e que estão na ordem do previsível, portanto permitem ao receptor resgatar sentidos para dar conta de seus significados, o que dizer desses neologismos produzidos por LC?

Como ponto de partida para refletir acerca dessa questão, consideremos as idéias de Lacan (1955-56), em seu seminário sobre as psicoses. Discorrendo sobre o estatuto da fala na psicose, Lacan realiza uma aproximação com a teoria lingüística, à medida que observa que o único modo de abordar o fenômeno delirante é por seu próprio modo de apreensão: a fala – “Só pela porta de entrada do simbólico é que se consegue penetrá-lo” (Lacan, 1955-56, p.20). A tese que sustenta a postura de Lacan é a de que o inconsciente tem estrutura de linguagem (tese esta baseada em Freud, que verificou que o sonho fala, que o sonho é matéria simbólica, portanto linguagem).

Tendo isso em vista, Lacan define o delírio como:

[...] uma linguagem onde certas palavras ganham um destaque especial, uma densidade que se manifesta algumas vezes na própria forma do significante, dando-lhe esse caráter indiscutivelmente neológico tão surpreendente nas produções da paranóia. (Lacan, 1955-56, p.42)

É neste plano que ele introduzirá os neologismos na psicose, concebendo-os como palavras-chave, palavras originais, palavras plenas que organizam alguma significação especial para o sujeito.

Partindo da concepção de que o significante é o material da linguagem e que o significado é a significação, no sentido de que a significação sempre remete à outra significação⁴, ele afirma o seguinte:

No nível do significante, em seu caráter material, o delírio se distingue precisamente por esta forma especial de discordância com a linguagem comum que se chama um neologismo. No nível da significação, ele se distingue por isto: ele só pode se mostrar se vocês partem da idéia de que significação remete sempre a uma outra significação sabendo-se que, justamente, a significação dessas palavras não se esgota no remeter a uma significação. (Lacan, 1955-56, p.43)

A partir dessas palavras de Lacan, podemos vislumbrar que o neologismo na psicanálise assume um estatuto diferenciado do da Linguística: nesta, ele está no nível da significação (significado + significante), enquanto na psicanálise está no nível do significante, aparecendo, com isso, a tese da primazia do significante na psicose⁵.

Isso tem conseqüências para o tratamento linguístico na psicose, na

⁴ Lacan escreve: "A armadilha, o buraco no qual não se deve cair, é a de crer que o significado são objetos, as coisas. (...) O sistema da linguagem, em qualquer ponto em que vocês o apreendam, nunca se reduz a um indicador diretamente dirigido a um ponto da realidade, é toda a realidade que está abrangida pelo conjunto da rede da linguagem. Vocês nunca podem dizer que é isso que é designado, pois, mesmo quando conseguirem, vocês nunca saberão o que eu designo nesta mesa, por exemplo, a cor, a espessura, a mesa enquanto objeto, ou qualquer outra coisa que seja." (Lacan, 1955-56, p.43)

⁵ Para entender melhor esta tese, trago esta afirmação de Lacan: "Se supomos que o significante persegue seu caminho sozinho, quer prestemos atenção a ele ou não, devemos admitir que há em nós, mais ou menos eludidos pela manutenção de significações que nos interessam, uma espécie de zumbido, uma verdadeira zorra, com que fomos estonteados desde a infância. Por que não conceber que no momento preciso em que saltam, em que se revelam deficientes os enganchamentos daquilo que Saussure chama a massa amorfa do significante com a massa amorfa das significações e dos interesses, a corrente contínua do significante retoma então sua independência? E então, nesse zumbido que tão freqüentemente os alucinados descre-

medida em que assumimos a posição teórica de que entre neurose e psicose há uma diferença estrutural. Tal tomada de posição nos faz necessariamente admitir que na psicose o dizer produzido pelo sujeito é realizado de uma maneira diferente do produzido por um sujeito neurótico. Ao falar, o sujeito psicótico desvela toda a opacidade que a linguagem tem, implodindo a previsibilidade da língua constituída imaginariamente como transparente, regular, estratificada e calculável (Picardi, 1997). No âmbito do discurso, percebe-se que o psicótico fala de um lugar que não é o da ordem do discurso (cf. Picardi, 1997). A relação que o psicótico estabelece com a língua é mais "erotizada" - no tocante ao funcionamento do neologismo, este termo refere ao peso tão particular que algumas palavras têm para o sujeito; no tocante à língua, quando R.C. afirma que o bebê fala (ver p.8), sabendo-se que o bebê não fala, a pergunta que se deve fazer, antes de rotulá-la de louca, é: que língua é essa que ele fala?; vê-se que o estatuto de língua para o sujeito é diferente.

É a partir da observação "erótica" que caracteriza a fala do psicótico, que se pode vislumbrar um efeito de sentido com estatuto diferente daquele que funciona predominantemente na neurose: o *efeito neológico*. Defino o efeito neológico como um efeito de sentido produzido pelo dizer psicótico, contrário ao efeito metafórico, produzindo naquele que escuta a fala do psicótico uma frustração dos sentidos prometidos. Um exemplo bem ilustrativo da diferença proposta é de quando LC dá a definição de algumas palavras. Para ele, um dicionário seria "um livro em linguagem alfabética, (...) que tenta descrever palavras, comportamentos, terminações das palavras, categorias, armazenamentos alfabéticos-numéricos, tritongos tristes e triviais, como uma fronteira entre a matéria e o som de sinalizações robustas e tudo mais..." (Picardi, 1997, p.74). Já GATO é um "ser insatisfeito de terceiro reembolso de demografia reticular" (Picardi, 1997, p.xiv); e, VERDADE é uma "Eletromagnitude de vinte ohms, trinta ohms, sessenta e seis ohms, cinquenta e cinco ohms, trinta ohms" (Picardi, 1997, p.xiv).

A partir de então, tenho concebido que os neologismos que aparecem na fala do psicótico são produtos do efeito neológico, tendo em vista que só se pode vislumbrá-los, conforme a indicação de Lacan, pela discordância do delírio com a linguagem comum; ou seja, o efeito neológico está no registro do funcionamento da linguagem, registro este pensado em referência ao trabalho de Gustave Guillaume (cf. Valin, 1973), o qual, pergun-

vem para vocês nessas circunstâncias, com esse murmúrio contínuo dessas frases, desses comentários, que são nada mais do que a infinidade desses pequenos caminhos, os significantes se põem a falar, a cantar sozinhos. O murmúrio contínuo dessas frases, desses comentários, nada mais são do que a infinidade dessas pequenos caminhos." (Lacan, 1995-56, p.331)

tando-se pela construção sintagmática do subjuntivo em francês, percebe que o sentido do subjuntivo em francês só advém do efeito de remanejamento (*effect de ramener*) do atual para o virtual no campo da hipótese, deslocamentos estes produzidos e marcados lingüisticamente. Desse *effect de ramener*, podemos depreender que a posição dos elementos lingüísticos no sintagma revela que o sentido só emerge pela incidência dos recobrimentos da hipótese que o sujeito faz no arranjo desses elementos lingüísticos, ou seja, na incidência e emergência do sujeito na cadeia significante. Trata-se de uma posição estrutural, aproximando este trabalho às elaborações de Claudia de Lemos (cf. artigo de 2002). Não se trata, portanto, de um distúrbio no eixo metafórico privilegiando o funcionamento do eixo metonímico, eixos estes que caracterizam o funcionamento da linguagem. Concebemos que essa separação efetuada por R. Jakobson (1970) é meramente didática, pois se há sujeito há linguagem, portanto na psicose trata-se de uma diferença estrutural.

Do outro lado, temos os neologismos de forma/morfológicos que, pensados no registro da metáfora delirante⁶, são aquelas palavras que ganham uma dimensão especial no dizer do psicótico, manifestando-se na forma de um significante (Lacan, 1955-56, p.42). Portanto, o neologismo morfológico diz de alguma significação especial e que ganha forma no registro da língua. Nesse sentido, podemos conceber, a partir do trabalho de Tost (2006), que nos domínios da Morfologia só podemos vislumbrar estes outros processos de formação de neologismos, não previstos pelas regras de formação neológica da língua portuguesa e que aparecem na psicose, se levarmos em consideração a afirmação psicanalítica de que na estrutura psicótica há primazia do significante. Tendo isso em vista, podemos ver mais claramente que os neologismos de forma não explicados pela teoria morfológica de formação dos neologismos são perfeitamente explicados pela observação do encadeamento de significantes na unidade lexical enunciada, processos estes que correspondem aos chistes, lapsos de língua,

⁶ Segundo Calligaris (1989) o saber do psicótico é um saber que não comporta um sujeito suposto como o saber do neurótico, então o psicótico sustenta seu saber na sua pessoa. Segundo esse autor, isso significa que o saber do psicótico não é organizado em uma função central organizadora da metáfora neurótica, a metáfora paterna, assim os significantes que deveriam se organizar nesta função central se dispõem em uma rede total e idealmente completa. Na crise, ao sofrer a injunção a se referir à função paterna, o saber do psicótico entra num estado crepuscular, produzindo alucinações de todas as ordens, com a volta no Real dos significantes, da função foracluída e do agente da função – o Pai. Portanto, o delírio, de acordo com Calligaris, é um substituto da metáfora paterna; é uma metáfora fracassada, uma metáfora pseudo-paterna, pois diz da tentativa do sujeito de se estruturar como neurótico, em resposta à injunção.

etc. (cf. Freud, 1901). Com isso, podemos perceber que o neologismo morfológico diz, no registro da língua, de uma subjetividade: diz de um sujeito constituído na metáfora delirante, que não é sem significação. Nas palavras de Calligaris, “trata-se de uma metáfora original, viva, delirante, que testemunha o fato de que ela é uma invenção trabalhosa do sujeito lidando com um agente real da metáfora” (Calligaris, 1989, p.62) – a função paterna (referida à Lei). Portanto, o neologismo morfológico é também produto do efeito neológico.

Assim, pode-se definir mais genericamente o efeito neológico como efeito produzido no registro da linguagem que diz do modo como o psicótico constrói/constitui uma metáfora delirante, portanto, *o efeito neológico é efeito do funcionamento (de constituição e construção) da metáfora delirante*.

3. O DIZER DE R.C – NEOLOGISMO, EFEITO NEOLÓGICO E TRANSITIVISMO

Vejamos o seguinte fragmento:

Neste dia R.C. não tinha tomado a medicação, e estava nitidamente perturbada e irritada. Ela me contava que no dia das crianças ela não foi ao bosque passear com o marido, ficando em casa com o Renan, seu bebê de 5 meses:

- 81R.C.: Eu fiquei em casa. Eu ia, mas aí a minha sobrinha, as duas sobrinha... Sobrinha né! Não sei se é bem sobrinha. É da minha idade! Elas iam... pro bosque. Aí eu não agüento, sabe? E ele com as sobrinhas. É muita pegação pro meu gosto, tá entendendo?
- Entr.: Quem? O?...
82R.C.: Ele e as sobrinha.
Entr.: Quem o Renan?
83R.C.: Não! O tu...o meu marido.
Entr.: Ah tá!
84R.C.: Aí eu falei: “sabe de uma coisa?, vai você...” E por fim ele nem encontrô as sobrinhas lá. Ficô ele e o Raul. E eu queria ir no bosque, sabe? Aí eu fiquei lá em casa, eu dormi a tarde toda (risos). Dormi mesmo! Meu tio foi me acordar. Meu tio Toninho, falô: “Que é isso menina? Fica aí dormindo.” “Ah! Me deixa! Por mim fico aqui até...” Porque, as criança quando tão em casa agit(...) **popuação**, né? Todo mundo quer dar atenção. E o que eu notei, não é falta de psicologia minha não, é fal... é... **é uma corrente que tá sendo pré-criada, sabe assim? Tá sendo... Cê agrada, aí vem o outro fala a mesma coisa que você falô; vem o outro fala a mesma coisa que você falô. Aí... sabe? Dá aquela... chacoalhada,**

porque eu não tô acostumada (rs) com essas coisas. (...) Eu tenho a impressão que ele sabe que eu vô fala... pro nenê, ele fala primeiro. (...) Ele quer com-peti comigo, sabe aquela coisa? De loiro com loira? Sabe? Aí eu falei: "Oh bi-cho, dá um tempo, cê tá entendendo? Não tô gostando não!" Aí ele chorô, eu falei: "Não! Isso daí não pode acontecer." Aí porque que kiança linda! Aí ele: "Ai que kiança linda!" Pô, fala mais, né?, eu falei: "Fala outras coisas..., que cê acha dele, como ele tá passando..." (...) Que muita papagéoloice pa... muita pegação não dá certo. Não é verdade? ... Tem que ter um... Aí eu falei: "Ah! Então eu mostro pra você como é que tem que ser". Falei: O Renan, o Renan é carente de... de família grande, sabe? Porque quando eu tava só com ele, na barrigui-nha, ele fica... ele pulava o tempo todo, sabe? E eu sentia aquela vontade de con-versa, de conversa, de conversa, sabe? Aí, então, agora tá bom, porque minha mãe tá lá, meu tio vai de vez em quando, tem ele, tem eu, tem o Raul. Então, agora tá grande a família, né? Ele fica todo contente. Ele vai no colo de um, vai no colo do outro. Sabe como é que é? Um dá banho, o outro... passa talquinho (risos). Então ele gosta, sabe? Ele gosta! Quando fica só eu lá..., ele chora. Aí eu faço dormi. Ele dorme. Mas dali a pouco ele... ele tá acordando. E ele fala: "Quê!?! Deixa minha mãe sozinha?!" Ele tá caindo de sono. Eu falô: "Dorme Renan!!!" E ele não quer deixa eu sozinha, sabe? Assim, sem conversa. Percebi isso. Ele quer... dá atenção a mim.

Antes de começar a análise, faz-se necessário ressaltar que um frag-mento de fala não é uma fala, logo uma transcrição de fala não é a fala. Então, apesar de não se sentir com tanto impacto a frustração, neste frag-mento há ausência de movimentos metafóricos que permitiriam resgatar sentidos, há efeito neológico.

Este fragmento é muito interessante para ilustrar nossa proposta. Um primeiro fato lingüístico que salta aos olhos é a existência dos neologismos de forma popuação, que poderia, talvez, ser explicado como uma junção de população+ação, e papagéoloice, sobre o qual a única coisa que pode-mos dizer é que a palavra "papagaio" está participando do processo de cri-ação lexical desta palavra. Contudo, como explicar a constituição deste neologismo? É um rébus⁷.

Instaurado o efeito neológico, observamos que estes neologismos de forma aparecem justamente no momento em que R.C. se sente perseguida: ela diz que há uma corrente, alguém (outro, ele) que fica repetindo tudo o que ela diz ao seu bebê. Estes neologismos revelam o modo como ela é afetada por uma fala que insiste em repetir o que ela fala, momento este em que vislumbramos a implosão dos sentidos, a relação erotizada que ela es-

tabelece com a língua, afinal quem é este **outro**, quem é este **ele**?

Vejam que a palavra "criança" parece desencadear toda uma fala deli-rante, antes não havia qualquer indício de delírio. A partir do momento em que ela começa a falar da criança, os significantes se põem a falar sozi-nhos (ver nota 3). O momento em que ela diz "**Falei**: O Renan, o Renan é carente de... de família grande, **sabe? Porque quando...**", foi um momento muito difícil na transcrição: afinal, onde é que ela parou de me dizer o que ela falou pra ele, nos dois pontos ou nas reticências? Não é possível saber, e esse é um indício muito forte do funcionamento do efeito neológico: todo mecanismo de antecipação, mecanismo este a partir do qual conseguimos vislumbrar o que o outro irá falar ou conseguimos prever qual a estrutura sintático-semântica que deverá se seguir, falha. A estrutura daquilo que R.C. tem a dizer segue sua própria lógica.

Neste mesmo momento, um outro fenômeno lingüístico começa a se esboçar: o do transitivismo. Bergès e Balbo (2002), no que diz respeito à mãe, entendem esse fenômeno como funcionamento maternante totalmen-te articulado e demonstrado na fala, com o qual a mãe, ao formular uma hipótese e uma nomeação, vem apresentar e imprimir à/na criança o que esta deve sentir, portanto levando-a à posição de sua mãe. Nesse processo, a mãe faz uma hipótese de um saber sobre seu filho, "saber em torno do qual seu apelo vai circular, para a ela retornar sob a forma de uma deman-da" (Bergès e Balbo, 2002, p.10).

Na medida em que depreendemos a multidirecionalidade do vetor transitivista nessa definição, observamos na fala de R.C. que algo diferente acontece: o vetor transitivista tem uma única direção. R.C. sustenta um saber total em relação ao seu bebê: ele fala! É possível verificar, na ação dos verbos, que eles designam algo especial – há uma certeza absoluta e um outro sujeito que aí aparece: "ele gosta", "ele fala", "ele quer", "percebi". A unidirecionalidade do vetor transitivista recai no verbo, principalmente no verbo "falar", que adquire um sentido todo especial na fala de R.C., e por isso, tendo em vista que há efeito neológico, podemos considerar como um neologismo, ao lado da palavra "ele". Ora, sabendo-se que Renan não pode falar, por justamente possuir 5 meses, então quem é que fala? (ver o fragmento abaixo e também outros fragmentos em anexo 2)

Tais questionamentos nos levam direto ao ponto de haver um efeito de sentido que desmancha o efeito metafórico, responsável pela produção de sen-tidos na língua, efeito esse que produz a unidirecionalidade do vetor transitivista na psicose (Bergès e Balbo, 2002, p.9), tecendo, por meio da produção de neo-logismos outros, palavras nas quais a significação fica presa em si mesma, se densifica, não significando nada mais aquilo que o sujeito sustenta.

Isso revela o trabalho que R.C. tem ao tentar produzir uma metáfora delirante em resposta à injunção de se referir a uma função organizadora

⁷ Rébus. [Do fr. *rébus*.] S. m. O ideograma no estágio em que deixa de significar diretamente o objeto que representa para indicar o fonograma correspondente ao nome desse objeto.

da metáfora neurótica, cuja indicação que ela nos dá é a própria condição de “ser mãe” – por este fragmento, vemos que o saber entra em um estado crepuscular quando ela se refere à criança, e transitiva/imprime neste outro, n’ele, sua certeza.

Só para efeito de ilustração, trago abaixo uma passagem que revela o quanto estes fenômenos estão presentes na fala de R.C.. Tais fenômenos presentificam-se constantemente na fala dessa paciente (cf. Pincerati, 2006), tecendo uma rede de neologismos, produtos do efeito neológico, que dizem da relação que R.C. tem com a língua: trata-se de um saber que não admite falhas – “eu acerto todas!” (20R.C.), assim como ela sustenta com veemência que Renan fala! Neste fragmento, vemos a denúncia do movimento transitivista, principalmente em 20R.C. (“O que falo pra ele é o que ele tá pensando...”), em uma única direção: “ele fala”, “eu vejo”, “ele está”, “eu acerto”, “eu falo”, “nenezinho analisa”, “eles sabem”. São significantes que se densificam, palavras-chaves, palavras plenas que significam algo de inefável para o sujeito.

- Entr.: *Como que é, assim, você e o Renan? Como que é?*
 16R.C.: *Eu e o Renan? Ah! É uma paz enorme. Porque ele... eu... eu pego ele, ele..., ele fica olhando sério assim pra mim, sabe? Ele fica olhando sério pra mim e fa... “mamãe, mamãe”, ele faz. E dá risada. Eu brinco com ele. Tá tomando remedinho, que tá muito resfriado. Tem que dar na ampola assim pra ele, né?*
 Entr.: *Quantos aninhos ele tem?*
 17R.C.: *Ele tem 5 meses.*
 Entr.: *E quando ele fala..., aquela coisa que você disse que ele fala com você...*
 18R.C.: *Ele fala.*
 Entr.: *Como que você se sente? Como que é?*
 19R.C.: *Ah!, é uma paz muito grande!, **saber que ele tá bem, né?** É o amor, o afeto, né? Afeto de mãe e pai é dife... Mãe é uma coisa, pai é outra! Pai foi feito pra corrigir (...) e mãe foi feita pra agradar, pra sorrir, pra brincar. Não que o homem não possa, ele pode. Mas, se bobia.... Homem tem que ser mais prudente, né? Ser mais rígido.*
 Entr.: *E ele fica..., e o Renan, então, ele chega a falar algumas coisinhas com você?*
 20R.C.: ***Ele fala! Eu vejo a boquinha dele assim, o que ele tá pensando, né? E, eu acerto todas! O que eu falo pra ele é o que ele tá pensando, tá analisando, né? Nenezinho, nenezinho analisa a vida!!! Eles sabem mais que a gente, sabia?***

4. CONCLUSÃO

Por meio desta análise, procurei apontar e colocar em evidência um procedimento que dê conta do dizer na psicose: tendo em vista que na

psicose há efeito neológico, é possível não se perder nas armadilhas dos sentidos que não aparecem – De Lemos (2002, p.64), estendendo a noção de paralelismo, põe a necessidade de se indagar o quê significa o fato de estruturas tão semelhantes produzirem efeitos tão díspares -, mas sem desconsiderar a legitimidade da linguagem na psicose, pois há significação; uma significação especial, que diz do modo de estruturação e subjetivação do sujeito. Pelo fato de haver efeito neológico, somos levados a suspender a análise do plano do sentido e procurar, por meio da própria estrutura que o delírio fornece, aquilo que diz do modo particular do psicótico trabalhar com a língua: o neologismo.

Nesse sentido, a presença dos neologismos na psicose - cuja presença é atestada tanto na clínica psicanalítica (Lacan, 1955-56) como na médica (Classificação e Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10, p.86), e também nos trabalhos na área dos estudos lingüísticos (Picardi, 1997, entre outros) - revela um modo particular de o sujeito psicótico estar na língua, portanto revela o quanto a língua é resultado da experiência e do trabalho dos falantes com e na linguagem.

Enfim, termino este trabalho enfatizando a pertinência da relação Lingüística e Psicanálise, uma vez que ela permite ampliar o escopo da investigação de uma determinada semântica (cf. Schäffer, Flores e Barbisan, 2002), aquela implicada na estrutura psicótica, assim como permite ao lingüista realizar uma escuta outra, que o habilite ouvir de um outro modo uma determinada fala cujos sentidos não são aqueles compartilhados no “discurso comum”, interrogando sobre o modo como o psicótico está na língua, e observando os fenômenos lingüísticos como reveladores de uma diferença estrutural.

ANEXOS

1. A fim de se poder verificar o contexto em que os neologismos citados aparecem, apresento o fragmento de fala onde eles acontecem (cf. Picardi, 1997, p. xv):

LC define VERDADE como “Eletromagnitude de vinte ohms, trinta ohms, sessenta e seis ohms, cinqüenta e cinco ohms, trinta ohms”. Depois disso, indaga-se para ele por que ele definiu VERDADE assim. Após falar várias coisas, ele diz:

LC: É NOTI, parece que coisa que nem o NOTI, que nem o TOSHIBA do japonês, que nem SEIKO do suíço, essas marcas protegem o universo, dão vida, dão tudo pro ser vivo que quer viver, são superiores, agora não sei como provar pra essa gente toda que essas marcas não podem ser que sejam desligadas, pode ser que não estejam funcionando em lugar nenhum do mundo, pode ser que nem existam e se existem aí sim são mais perfeitas talvez até que eu mesmo, né?

LC: Se não existir a gente vai tentar um dia destruir o universo, na época que a gente que chegou a hora e depois fazer ele com a máquina do tempo viajar com métodos de reparação de matéria, fazer ele viajar quando se entender como se repara o som, a água, o gás, a luz, a treva, fazer o mundo viajar tudo de novo até ressuscitar todos os vermes, fazer viver todos os seres vivos dessa época bem, confortável, saudável, se der fazer o futuro existir também numa grande velocidade rápida, fazer o futuro também existir junto, estar lá o presente, o passado e o futuro, lá no céu o máximo que der pra se chegar, mas num certo dia que não se sabe exatamente quando vai ser esse dia, essa visão, esse constatamento perfidico, que é o que eu falo, né, tia?, também existe, sobrepaliência, oniposência, sobrepaciência, um modo de interferir no controle das coisas, que nem aqui (LENDO A DEFINIÇÃO DE ANEL ESCRITA POR ELE) "compensado rústico envolvente demais, demais mesmo. Compensado rústico, é rústico.

Eu: O quê que é rústico?

LC: O anel, doutora, o anel da cabeça da gente, esses anéis que a gente tem dentro da cabeça, pequenos plasmoglinfos.

Eu: Pequenos o quê?

LC: Plasmoglinfos. Pequenos plasmoglinfos.

Eu: O que que é plasmoglinfos?

LC: É a forma de arco que eu falo, né? Pequenos plasmoglinfos, reticulares sem manipulação, sem interferômetro, são interferentes, são resistocados, né? Resistocados.

Eu: Mas o quê que é plasmoglinfos?

LC: São os recromossomos aí, né?

Eu: O quê?

LC: Recromossomos.

Eu: Mas o quê que é recromossomos?

LC: O que tem na cabeça da gente, né?

Eu: Me explica o que é recromossomo.

LC: É uma forma indivisível da matéria, inquebrantável, desmontável só pelo curso do funcionamento, que num deve se desligar sozinha, nem por ninguém, que não há ordem de desligar mesmo, existe o extrato nitrólito dela, são os fusíveis RST de três ampères cada um, para por base em fase RST e

depois é um circuito assim anti-dor, né? Seria uma evasão da fé onde se consegue sentir nem dor, nem cansaço e o cansaço alimenta. Nem dor nem cansaço e o cansaço alimenta. Que nem falava Jesus dessas coisas..

2. Para suprir a impossibilidade de ver todo o *corpus* de R.C., trago partes significativas nas quais se pode confirmar a ação do efeito neológico:

FRAGMENTO 1

Entr.: Aí, me conta como você se sente mãe ... Como que é?

02R.C.: Ah! Eu me sinto muito bem. Eu me sinto muito bem. Eu acho que meus filhos, assim, são... são tudo pra mim. Tudo! Tudo de mais importante é eles. (...) Tudo o que eu vô fazer eu penso neles, né? As vezes eu vô pra cidade, fazer compra ..., que acabo comprando tudo pra eles.

(risos)

Sério!!! Ah!, eu não preciso de nada não. Compro isso, compro aquilo, compro aqui ... Aí, chego em casa, o meu esposo fala: "mas você não comprô nada pra você."

Eu fico imaginando, sabe, ele com aquela ropinha, como ele vai fica uma gracinha, né? Eu acabo comprando. Mas, ele tem a Rita, minha irmã, que o Lucas é ... já é mocinho, e ela guardô tudo que era do Lucas pra ele: brinquedo, vídeo game. Ele... troca de vídeo game... com muita facilidade, sabe? Já teve vários. Ele gosta de estar sempre com o melhor, né?

Entr.: Aí você compra pra ele.

03R.C.: Eu não, tadinha de mim, quem compra é o pai dele (...) 'Quem compra...' (baixinho). Na realidade, é pai porque registro. Mas o pai dele é boiad... é peão de boiadeiro. Muito bonito é o pai dele. Ele é a cara do pai. Eu tava grávida quando casei. Viu que eu sou muito sortuda. (risos) Eu tava assim, oh ... Eu tava expondo, aí o Sidnei chegou e falou assim: "eu posso ficar aqui um pouquinho com você?" "Ah!, fique a vontade", mas pensando: "Nos-sa!, esse cara deve ter muita grana. Bonito assim, né?" Conversei com ele. Aí depois..., eu falei: "oh, onde cê vai?" Ele falou: "daqui cê vai pra onde?" Falei: "Ai, vô subi lá pro setor, lá pra cima rolando um biarte", tinha vendido pouco, falei: "vô manguear lá pra cima." Aí ele subiu comigo, ficamô até onze hora, conversando, no Scub. Se acredita que eu acabei casando com o cara? (Risos)

Entr.: Grávida?

04R.C.: Grávida.

Entr.: E como foi isso?

05R.C.: Eu falei onde eu morava. Ele falou: "olha, sábado eu vô tá em casa, cê não que ir lá?" Eu falei: "Ai..., vai você na minha casa." Fiquei inibida, porque eu tava grávida, né? Aí ele foi me busca. Marcamô perto da... (rs) do ponto do ônibus e ele me levô na casa dele. Aí a irmã dele ficou: "Ai, bebê!!!" Ela adora bebê, né? "Ai ela vai ganhar bebê. Cês tem que casa. Foram feito um pro outro (rindo). Não sei que tem..." Ai Acabamos casando, você acredita?

Agora, ele tem o Renan, né? Eu ti... eu dei um filho pra ele. Porque eu falei ... Se eu falar isso perto dele, ele fala que eu tô loca, que o Renan é filho dele, né? Mas não é, porque o Renan é moreno como você. O menino já pergunta, ele pergunta: "quem é meu pai?" Aí ele explica pra ele, né? (...) Explica pra ele que eu tava grávida, que eu era amiga dele. Ele explicou pra ele. Ele falou: "pai, eu sei que você não é meu pai, eu só neguinho cê é pra ele. Ele falou. Mas é pai, faz tudo pra ele... Gosta muito dele. cê é branco." Ele falou. Mas é pai, faz tudo pra ele... Gosta muito dele.

FRAGMENTO 2: (Me contanto de um episódio com a sobrinha)

- 115R.C.: Tá. Tá boazinha já. (...) Aquela menininha dá um trabalho. Então, e o Renan... O Renan gosta muito do pai dele. Gosta! Gosta muito do pai dele! (...) Ele presta atenção nas coisas, sabe? Ele vê o Raul, o que ele tem, aí ele fica todo alegre porque ele vai ter também, né?
(rindo) Eu presto muito atenção. Minha mãe fala que eu (rindo) presto atenção até demais. Eu falo... mas eu não falo essas coisas pra ela, entendeu? Eu não falo! Tô falando aqui pra (rindo) você. Ele: "Oia lá o irmãozinho como tá lindo!!!" Aí ele olha. Ele olha! Aí ele fica todo alegre, sabe? (rindo) É! Imaginando que ele vai ter também, né?
Entr.: Que ele vai ter o quê? Assim o.... o....
116R.C.: Ropa, sapato, brinquedo. Ele já tá espertinho. Tá bem espertinho ele. (rs)
Entr.: Que gracinha!
117R.C.: **Ele é bonitinho. Ruivinho! Cabelo vermelho, sabe? Bem ruivinho!**

FRAGMENTO 3

- Entr.: Então seu relacionamento com o Renan é?
57R.C.: É muito bom *nosso* relacionamento. Porque ele... tem hora que ele invoca com a ropinha, que não quer por aquela ropinha. **Eu percebo.** Ele tem uma cômoda entupetada de ropinha! Entupetada de ropinha. Aí eu tiro: "Tá bom!" Tem hora que a criança não tá com paciência, né? E ele tem vômito, sabe? Vomita muito. Então toda hora eu tenho que limpa ele.
Entr.: O... o...
58R.C.: O Renan. Toda hora tem que troca de roupa. E tem hora que ele se irrita, que ele não quer que mexe nele.
Entr.: E aí? Que é que você faz?
59R.C.: Ah! Eu troco mesmo (rs) assim. Chorando ... **Ele nada!**
Entr.: Ah é!
60R.C.: Eu ponho a banheira, assim, com água, tô segurando ele assim, **daqui a pouco ele tá do outro lado fazendo assim... pá pá...** Porque eu não ponho muita água na banheira, né? **Mas ele nada.** Ele fica assim molinho, sabe? **Eu percebo que ele tá nadando. Ele nada.** Bonitinho pra caramba.
Entr.: E como é que...
61R.C.: Acabo aqui? (mostrando o gravador)
Entr.: Não! Ele só virô. Será que acabô? Não, não acabô...

- 62R.C.: E agora vai começa "papa"?
Entr.: Hum! Tá falando papa?
63R.C.: Não! Ele não sabe que ele vai papa.
Entr.: Ah! Tá.
64R.C.: Mas, daqui um mês eu vô fala pra ele: "você vai papa! Tá na hora do papa! Mamãe vai dá papinha!" Aí ele já sabe. Falando pra ele, ele já sabe. O nenê é um... órgão!... é um... evento por Deus, ... abençoado. Ele tá ligado à mãe! Ele sabe tudo o que eu sinto e eu sei tudo o que ele sente. Eu sei tudo o que ele quer e ele sabe que eu quero. O filho é um evento abençoado por Deus. (...) É sim (baixinho).

FRAGMENTO 4

- Entr.: Então quer dizer que você engordou bastante na gravidez?
168R.C.: (...)
Agora o Renan, o Renan ele chama eu sabia? Mã mã mã, ele fala. Minha vó pega ele, ele gruda no cabelo dela e fala: "Mã mã mã". Ele quer eu! Ele não quer nem saber, porque eu ponho fi... CD pra toca, danço com ele, nossa! E ele quer eu de todo jeito. Minha mãe... Ontem eu cheguei lá minha mãe falou: "Mas esse menino chorô tanto, mas chorô tanto". Aí eu conversei com ele: "A mãe tem que sair de casa". Aí ele fez assim com a cabecinha (risos). Mas é tão bonitinho, ele entende tudo que a gente fala pra ele. Entende tudo que a gente fala pra ele. Agora o Raul, o Raul fica apertando ele, sabe assim?

FRAGMENTO 5

- 175R.C.: O Renanzinho ficô em casa. Porque leva ele lá é problema, né? Tem que toda hora dar mamadeira e trocar, e a papinha? Aí ele ficô em casa. Mas ele fala... ele pensa assim que..., ele vai passear todo dia. Todo dia eu dô uma vultinha com ele. Mas ele tem muitos... ele fica vendo o que a gente faz pro Raul, e não concorda dele não faze, sabe? Aí ele fica nervoso, fica agitado. Tem que conversa com ele. Minha mãe falou que ele chorô tanto, que não tinha (rs) o que dizer... de fazer ele parar de chorar. Ele quer participa de tudo. Ele quer participar. Mas ele é pequenininho, né? Ele pensa que a gente vai pega ele, e vai, né? Então, tadinho, dá dó, né? Mas logo ele vai poder ir, ele vai fazer um aninho, aí ele vai poder ir. (...)

BIBLIOGRAFIA

- ALVES, Ieda M. *Neologismo*: criação lexical. São Paulo, Ática, 2ª. ed, 2004.
BURGES, Jean e BALBO, Gabriel. *Jogo de posição da mãe e da criança*: ensaio

- sobre o transitivismo (trad. Ângela Vorcaro, Nina Leite, Viviane Veras).
Porto Alegre, CMC Editora, 2002
- CALLIGARIS, Contardo. *Introdução a uma clínica diferencial das psicoses*.
Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- COUDRY, Maria Irmã H. Linguagem e afasia: uma abordagem discursiva
da neurolinguística. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n.
42, p. 99-129, jan./jun. 2002.
- DE LEMOS, Claudia T. C. Das vicissitudes da fala da criança e de sua inves-
tigação. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas, n. 42, p. 41-69,
jan./jun. 2002.
- . *Corpo e Corpus*. In: LEITE, Nina (org.). *Corpolinguagem: gestos e afetos*.
Campinas, Mercado de Letras/FAEP-UNICAMP, p.21-29, 2003.
- DUBOIS, Jean et al. (1973). *Dicionário de Lingüística*. São Paulo, Cultrix.
- FREUD, Sigmund. *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana*. Rio de Janeiro,
Imago, 1901[1987].
- JAKOBSON, Roman. A afasia como um problema lingüístico. In: LEMLE,
Miriam e LEITE, Yonne (orgs.). *Novas perspectivas lingüísticas*. Petrópolis,
Vozes, p. 43-54, 1970.
- LACAN, Jacques. *O Seminário 3: as psicoses*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar
Editor, 2ª. ed. revisada, 1955-56 [2002].
- LEITE, Nina V. A. Corpolinguagem. In: VORCARO, Ângela (org.). *Quem
fala na língua? - sobre as psicopatologias da fala*. Salvador, Ágalma, p.180-
188, 2004.
- Organização Mundial de Saúde (coord.). *Classificação de Transtornos Men-
tais e de Comportamento da CID-10: descrições clínicas e diretrizes
diagnósticas* (trad. Dorival Caetano). Porto Alegre, Artes Médicas, 1993.
- PICARDI, Fernanda. *Linguagem e esquizofrenia: na fronteira do sentido*.
Dissertação de Mestrado, Departamento de Lingüística, IEL, Unicamp,
1997.
- PINCERATI, WalKer D. *Relatório Parcial ao PIBIC/CNPQ do projeto "Um
estudo do dizer da mãe psicótica"*, 2006. (mimeo)
- SHÄFFER, Margareth; FLORES, Valdir N. e BARBISON, Leci B. Sobre a
necessidade e a natureza das relações entre a psicanálise e a lingüística.
In: Margareth Schäffer; Valdir Flores; Leci Barbison (orgs.). *Aventuras do
sentido: psicanálise e lingüística*. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp.7-12, 2002.
- TOST, Carolina. Neologismos na esquizofrenia. In: 3º. *Seminário de Pes-
quisas da Graduação*. Campinas, Publicação IEL, UNICAMP, pp.410-415,
2006.
- VALIN, Roch. Introduction. In: GUILLAUME, Gustave. *Langage et science
du langage*. Paris, Librairie A.-G. Nizet ; Québec, Presses de L'Université
Laval, 3 édition, pp.11-24, 1973.